

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar

2

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2 [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067202307

1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR 2, coletânea de vinte e três capítulos que une pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber, como marcado pela proposta multidisciplinar fixada no seu escopo maior.

Destarte, esse volume está ancorado em três eixos maiores: a Linguística, a Letras e as Artes. É assim que o diálogo se dá, sempre observando o entrelaçar com outras áreas, assim como o debatido e refletido a partir de construções sociais para o tema.

No momento dedicado a Linguística, temos doze capítulos que atravessam as variadas correntes analíticas dos estudos linguísticos, dos estudos advindos das contribuições de Saussure até mesmo a aplicação do ensino de língua, seja portuguesa ou inglesa, e a sua interação com o suporte, com o livro didático.

A etapa voltada para a Literatura, apresentamos seis capítulos que mantêm essa proposta de diálogo com a atualidade e com os dilemas sociais do momento, assim observamos discussão que paira os livros infantis e as representações de sentimentos e perturbações humanas na composição literária.

As Artes aqui congregam cinco capítulos que abordam a dramaturgia, a pintura e a música, esta também dialogada com a experiência e o exercício do profissional da área.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE PODER: UMA REVISÃO HISTÓRICA A PARTIR DOS EXCERTOS DE SAUSSURE	
Lucas da Silva Paulino	
DOI 10.22533/at.ed.0672023071	
CAPÍTULO 2	15
A INTERFERÊNCIA DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA CONCORDÂNCIA VERBAL	
Renné da Glória Andrade Valéria Viana Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0672023072	
CAPÍTULO 3	20
CASOS DE FLUTUAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO: ATOS DE FALA DO CAMPO SEMÂNTICO DE DÚVIDA	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque Alessandra Zager Tinoco Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0672023073	
CAPÍTULO 4	38
ENTRE PALAVRAS E PALAVRÕES CAMINHA A HUMANIDADE: INTERFACES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	
Samara Trovão Meneguetti Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023074	
CAPÍTULO 5	51
A PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE INTER-RELAÇÕES	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023075	
CAPÍTULO 6	63
ONDE ESTÁ O SUCESSO? UMA ANÁLISE DA OBRA “O SUCESSO PASSO A PASSO”	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.0672023076	
CAPÍTULO 7	78
POLIFONIA DE ENUNCIADORES E OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023077	
CAPÍTULO 8	91
DISCURSO JURÍDICO E PLANEJAMENTO FAMILIAR: ANÁLISE SOB UM VIÉS FOUCAULTIANO	
Felipe Bini Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023078	

CAPÍTULO 9	102
GÊNEROS TEXTUAIS E DOCÊNCIA COMPARTILHADA, UMA PRÁTICA AO AUXÍLIO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0672023079	
CAPÍTULO 10	113
ATIVIDADES DE ENSINO DE VOCABULÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: SOB OS ASPECTOS LEXICAIS	
Rosemeire de Souza Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230710	
CAPÍTULO 11	125
O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO HISTÓRICA SOBRE ESTE INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	
Gabriela Schmitt Prym Martins	
Roberta Costella	
DOI 10.22533/at.ed.06720230711	
CAPÍTULO 12	137
PRÁTICAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CURTOS EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.06720230712	
CAPÍTULO 13	144
A FUNÇÃO SOCIAL DOS LIVROS INFANTIS COM PROTAGONISTAS/PERSONAGENS NEGROS	
Thamiris Adão Ferreira da Silva	
Jovana Aparecida da Silva	
Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230713	
CAPÍTULO 14	154
PERCEPÇÕES SOBRE O LIVRO CHAPEUZINHOS COLORIDOS DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA	
Katiane Dal Molin	
DOI 10.22533/at.ed.06720230714	
CAPÍTULO 15	164
TEXTURAS E TESSITURAS DA LÍRICA: UM MODO DE LER A POESIA DE MAX MARTINS	
Carolina da Costa de Almeida	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.06720230715	
CAPÍTULO 16	176
A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Thaína Martins da Silva	
Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230716	

CAPÍTULO 17	187
RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO MORTE METAFÓRICA: ANÁLISE DA OBRA RETRATOS DE CAROLINA DE LYGIA BOJUNGA	
Ana Carolina de Castro Batista Thiago Alves Valente	
DOI 10.22533/at.ed.06720230717	
CAPÍTULO 18	198
CAMILO CASTELO BRANCO NO SÉCULO XXI	
Luiz Eduardo Martins de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.06720230718	
CAPÍTULO 19	208
O FIO DA NARRATIVA MÍTICA NA TRAMA DE DRAMATURGIAS FEMINISTAS	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.06720230719	
CAPÍTULO 20	216
A CIÊNCIA AO SERVIÇO DA ARTE E DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO: TRÊS CASOS DE ESTUDO EM PINTURAS MURAIS DO PROJETO <i>PRIM'ART</i>	
Milene Gil Duarte Casal	
DOI 10.22533/at.ed.06720230720	
CAPÍTULO 21	227
OS TRANCOS DO PROGRESSO: O OLHAR CAIPIRA SOBRE SÃO PAULO NA MODA DE VIOLA BONDE CAMARÃO	
Carlos da Veiga Feitoza Beatriz Magalhães Castro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230721	
CAPÍTULO 22	243
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NA E FORA DA ÁREA DE MÚSICA	
Juraci Alves Silva Neto Cíntia Thais Morato	
DOI 10.22533/at.ed.06720230722	
CAPÍTULO 23	258
A MÚSICA E O INGLÊS DE MÃOS DADAS NA “TARDE CULTURAL”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL ROTARY NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ-RN	
Danilo Augusto de Menezes Giann Mendes Ribeiro Rita Célia Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.06720230723	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

CAMILO CASTELO BRANCO NO SÉCULO XXI

Data de aceite: 13/07/2020

Data de submissão: 06/04/2020

Luiz Eduardo Martins de Freitas

USP – Universidade de São Paulo

São Paulo - SP

<http://lattes.cnpq.br/5506583483419315>

RESUMO: Este estudo visa comparar o filme *Mistérios de Lisboa* (2010) do diretor Raul Ruiz, que utiliza episódios de duas obras literárias do escritor Camilo Castelo Branco para sua composição, a saber: *Mistérios de Lisboa* (1854) e *O livro negro de Padre Dinis* (1855). O foco deste artigo se dá nas diferenças entre as narrativas e em temas que foram atualizados e modernizados para o público atual através de técnicas do audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Castelo Branco; Literatura Comparada

CAMILO CASTELO BRANCO IN THE XXI CENTURY

ABSTRACT: This study aims to compare the movie *Mysteries of Lisbon* (2010) from director Raul Ruiz, that uses episodes of two literary works by writer Camilo Castelo Branco for its composition: *Mysteries of Lisbon* (1854) and *The Black Book of Father Dinis* (1855). The focus

of this article is on the differences between the narratives and in themes that were revamped for nowadays audience through audiovisual techniques.

KEYWORDS: Camilo Castelo Branco; Comparative Literature

1 | INTRODUÇÃO

Os romances de Camilo Castelo Branco *Mistérios de Lisboa* (1854) e *Livro Negro de Padre Dinis* (1855) situam-se em posição temporal muito distante do filme do diretor Raul Ruiz *Mistérios de Lisboa* (2010). Tendo em vista as diferentes formas de narrar e a seleção do que será narrado, pretendemos avaliar em que aspectos estas obras se assemelham ou divergem. Buscamos ainda verificar quais estratégias foram usadas tanto pelos romances para construção das narrativas no período oitocentista, como pelo filme contemporâneo. Para tentar responder às questões levantadas, ainda que parcialmente, fizemos uma comparação entre as obras com um recorte em dois temas: a estrutura narrativa e as classes sociais.

2 | CORRESPONDÊNCIAS DO REAL

Este romance não é um romance: é um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado.

O texto que utilizamos como epígrafe desta parte se encontra no início dos *Mistérios*, na seção intitulada de *Prevenções*. Nele o narrador nos informa que recebera uma carta vinda do Rio de Janeiro em 1852. O remetente desta carta é amigo do narrador e um dos personagens principais da obra: Pedro da Silva. Encontra-se também nesta seção a informação de que a carta recebida é uma biografia e que tem uma razão para ser publicada, que será dada ao final da obra. Esta espécie de comunicado ao leitor está presente, logo no início, como uma justificativa de existência da obra. Ele está também no *Livro Negro de Padre Dinis*, que, muito embora tenha sido lançado um ano depois, narra acontecimentos temporalmente anteriores aos *Mistérios* e as suas narrativas se entrelaçam. Nos *Mistérios* esse aviso cumpre a função de apresentar as memórias de Pedro da Silva e no *Livro Negro* as de Padre Dinis, seu mentor.

A criação de subterfúgios para fazer supor que a narrativa era real foi um artifício muito comum no período romântico, bem como no período de surgimento e popularização do romance enquanto forma literária. Essas introduções em ambos os livros devem ter sido a resposta de Camilo ao receio que existia em relação ao romance naquela época. De acordo com Sandra Guardini Vasconcelos (2002, p.46):

A desconfiança generalizada em relação à ficção obrigou muitos romancistas a mascarar a natureza ficcional de suas obras, escondendo-se atrás da figura do “editor” ou “relator” de fatos alegadamente reais, dos quais teriam sido testemunhas ou de que teriam tido conhecimento por meio de manuscritos que lhes chegaram às mãos...

Havia ainda outra objeção a ser combatida: O romance era muito mais próximo do público geral do que as formas literárias anteriores. Isto porque trazia uma linguagem acessível em contraste com a linguagem rebuscada e elevada dos gêneros literários anteriores. Estas características, somadas ao fato de muitos romances serem publicados inicialmente em folhetins, levaram ao seu grande consumo e veiculação. Diante desta nova realidade, surgiu a necessidade de saber qual era o conteúdo difundido por esta recente forma literária. Acreditava-se que a leitura dos romances levaria à desmoralização, principalmente das mulheres e dos jovens. As narrativas de fatos viciosos influenciariam a conduta das pessoas e, dessa forma, deveriam ser evitadas. Ainda de acordo com Vasconcelos (2002, p.46):

...se a ficção tinha um forte apelo popular e principalmente os jovens iam lê-la de qualquer forma, seria mais adequado que ela contivesse uma boa dose de instrução moral...

Abordando o assunto de forma mais ampla, em uma perspectiva da obra camiliana como um todo, encontraremos declarações contraditórias dadas pelo autor para responder a este contratempo. Defendendo uma primeira chave de entendimento do assunto, haverá

ocasiões em que o autor defenderá que os romances poderiam ser exemplos do que não deve ser feito. Seguindo essa linha, o leitor viveria esteticamente os fatos narrados, vendo como eles se dão do início ao fim, inclusive as suas consequências nefastas. Esta experiência proporcionada pela arte serviria de constatação dos resultados nocivos advindos de uma conduta corrupta, sem a necessidade de que as pessoas de fato vivessem estas situações. A consequência dos atos dos personagens indicaria aos leitores que se agissem da mesma forma, teriam os mesmos resultados. Esta perspectiva pode ser encontrada no prefácio de *O esqueleto* de 1865, citado por Reis (1993, p.210):

Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzelas, até certo ponto inocentes, que o desdouro, cujo horror não as apavorou nos salões, tem angústias secretas, e, infâmias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo.

Outro excerto que corrobora esta disposição é encontrado nos *Mistérios* quando Pedro diz que é “...nos romances onde a gente vive todas as situações da sociedade sem ter passado por nenhuma.”

Haverá outros momentos, entretanto, que Camilo defenderá que os romances não têm nenhuma intervenção na vida real, logo, não influenciam de forma alguma a realidade, nem para o bem e nem para o mal. Este posicionamento diverso é encontrado no final de *A Brasileira de Prazins* de 1883, citado por Reis (1993, p.195):

O leitor pergunta: qual é o intuito científico, disciplinar, moderno deste romance? Que prova e conclui? Que há aí proveitoso como elemento que reorganize o indivíduo ou a espécie? Respondo: nada, pela palavra, nada. O meu romance não pretende reorganizar coisa nenhuma. E o autor desta obra estéril assevera, em nome do patriarca Voltaire, que <<deixaremos este mundo tolo e mau, tal qual era quando cá entramos.>>

Os romances que trabalharemos neste artigo dialogam muito mais com a primeira forma de lidar com esta situação do que com a segunda. Como já mencionamos, a veracidade das narrativas que vemos nos livros selecionados para análise é obtida por meio do relato de dois personagens em posição de destaque: Pedro da Silva e Padre Dinis. Apenas os dois podem enviar seus manuscritos e ter parte deles publicada diretamente para o interlocutor. Nenhum outro personagem tem essa prerrogativa. Ambos têm trajetórias parecidas e pertencem à casta de penitentes, que será abordada na próxima seção. É deliberada a escolha de dar destaque a dois personagens penitentes, órfãos, que buscam descobrir a sua origem e acabam por desejar sair do mundo através do martírio. Dado que as obras apresentam várias classes sociais, a ênfase poderia ser a outros personagens que não são penitentes. O foco poderia ser dado a um nobre decadente (como o marquês de Montezelos), a um burguês em ascensão (como Alberto de Magalhães), a um criado (como Bernardo, que não enriquece com a nova realidade social burguesa) dentre outras possibilidades. As correspondências de Pedro e Padre Dinis respondem às problemáticas que apresentamos, além de lhes dar foco e voz, fazendo com que se sobreponham aos outros personagens. Esse procedimento é uma escolha feita de forma precisa com o intuito

de priorizar a religiosidade em detrimento da vida terrena, como teremos oportunidade de abordar no próximo item desse artigo.

Raul Ruiz, por outro lado, não encontra as mesmas vicissitudes que pressionaram e influenciaram o trabalho de Camilo. Pedro da Silva, ainda criança, tem uma constipação, que assistimos já no início do primeiro episódio. Ao término voltaremos a essa cena, indicando que tudo a que assistimos pode ter sido o delírio de um garoto febril. Não encontramos no filme algum questionamento no sentido de influenciar os jovens e as mulheres, muito menos a necessidade de se projetar como narrativa real. Exatamente por isso ele pode conter muito mais elementos sobrenaturais. Apenas a título de exemplo, embora os livros deixem claro que Padre Dinis pertence a uma classe diferente dos homens comuns, este aspecto quase mágico está muito mais presente na película. Há uma cena em que seu rosto é refletido em uma xícara de chá e ouvimos o que ele tem a dizer a partir deste reflexo. Há momentos ainda em que ele desaparece como um ente sobrenatural, deixando seus interlocutores surpresos e confusos.

Outro questionamento é o de como estes mistérios nos são contados pelo audiovisual. No filme a maneira de narrar se vale de outros instrumentos. Um deles é o de a câmera ser um dos narradores. Ao se movimentar por dentro dos edifícios, temos a sensação de que somos um espectador invisível, mas que está no interior das casas, junto aos personagens. Em outros momentos, os personagens parecem nos ver e olham diretamente para nós. Há também cortinas que se fecham e abrem aos nossos olhos e é como se estivéssemos bisbilhotando as vidas dos personagens. Todos estes efeitos dão origem a uma narrativa mais abrangente em relação aos romances, visto que todos tem voz e até mesmo personagens secundários podem olhar diretamente para o público, diferente do foco dado a Pedro e Padre Dinis nos livros. Além disso, o filme nos obriga a ter um olhar julgador e de participação ativa. Somos convidados a nos posicionar sobre as situações que estamos assistindo, uma vez que as técnicas que mencionamos nos fazem ser parte daquelas situações, como se estivéssemos ali, por vezes como um fantasma enxerido que não pode ser visto, por outras um interlocutor participativo com quem os personagens desejam dialogar.

A que serviriam esses aspectos da estrutura? Qual é o conteúdo formalizado através destes procedimentos? A hipótese que defendemos aqui é de que no filme, o conteúdo que se destaca não se prende ao século XIX. Muito embora a sociedade que nos é apresentada seja uma leitura da que imaginamos ter sido a oitocentista, o fato de que tudo pode ser um delírio, somado aos diversos elementos sobrenaturais como os mencionados acima, nos levam a postular que a matéria duradoura e que nos toca não é circunscrita apenas ao século XIX. Ela consiste na impossibilidade de uma mãe cuidar de seu filho, nos amores impossíveis, em uma classe social ascender prometendo um mundo melhor, porém cometendo os mesmos erros da que estava no topo anteriormente, etc. O delírio de Pedro é uma técnica formal que nos indica que o crucial é imaginar, pensar no mundo que foi, no que ainda é, e no que podemos construir. Se seguirmos a ideia de que a narrativa cinematográfica foi mesmo uma alucinação, podemos pensar que Pedro teria uma nova chance de trilhar seu caminho, assim como nós. O que vai ao encontro da escolha de Ruiz, que a expressa em suas próprias

palavras no prefácio aos *Mistérios*: “...optei por refugiar-me na dramaturgia dos sonhos.”

3 | ESTRATOS SOCIAIS E SUA SUPERAÇÃO

“A verdade é que não sabemos ainda o idioma das grandes agonias, que parecem exilar o mártir da sociedade dos homens para a ideal convivência de não sei que espíritos, divinizados pelo sofrimento.”

O excerto acima, extraído da *Advertência do Livro Negro* cumpre duas funções: estabelece a veracidade da narrativa, por ser alegadamente uma biografia de Padre Dinis recebida pelo narrador, e demonstra a superioridade dos penitentes, casta a qual Padre Dinis se insere, em face à sociedade comum. Embora esta relação de superioridade esteja presente em várias outras partes da obra, ela já é explícita em sua abertura, o que corrobora para defender a importância do livro para a sociedade do século XIX.

É importante ressaltar que, conforme é explicitado pelo excerto que utilizamos como epígrafe desta seção, o mártir da sociedade tem um idioma próprio. Podemos concluir; portanto, que sua forma de categorizar o mundo é característica e diferente das pessoas comuns. Tal como os heróis gregos e romanos buscavam ser divinizados; os penitentes, na narrativa de ambos os romances, têm uma demanda similar. Os personagens da épica antiga buscavam ser perenizados pela poesia e seus feitos gloriosos em batalhas é o que os elevaria a esse patamar. Os personagens dos romances aqui trabalhados atingem esta posição através de seu sofrimento, que é considerado uma dádiva, uma meta a ser alcançada. Outro dado da *Advertência* é o de que os escritos de Padre Dinis não seriam apreciados pelo leitor médio porque “*foram escritos numa linguagem que ele não compreende, nem quer que os inteligentes lhe traduzam com medo que o atraíçõem.*” Não só os penitentes são superiores aos homens comuns, como também têm uma linguagem própria que nós não seríamos capazes de entender. Se sequer podemos compreender seu idioma, quem dirá sermos como eles. Esta supremacia dos penitentes valoriza ainda mais as obras, visto que são eles que nos instruem e também que ocupam a posição de heróis.

Ainda na *Advertência* temos a seguinte pergunta: “*Era homem, porventura, Padre Dinis?*” Nos *Mistérios*, ele será descrito como “*...homem perfeito em sofrimento.*” O sofrimento precisa de esmero e é louvável o penar para se alcançar um desenvolvimento espiritual, que, como já explicitamos, não é disponível para todos.

Outra penitente que aparece nos *Mistérios* é Anacleta. Embora ela mereça um capítulo apenas para a exploração de sua história e análise, citamos aqui as palavras do narrador sobre suas filhas Antônia e Emília:

Naquela casa estava a filha da penitente, cheia de poesia fúnebre, poesia que a sua irmã não tinha, porque vivia uma vida trivial, um misto de misérias e gozos, como o resto do género humano.

Os penitentes têm uma superioridade em relação aos meros mortais por terem uma

conexão espiritual e por viverem em função da “...*purificação do martírio...*” Eles podem se inserir em qualquer classe social. Os romances explicitam as classes sociais terrenas, suas diferenças, suas mudanças; contudo, a poesia fúnebre é que eleva o personagem e não sua vida terrena. Assim como os feitos belicosos elevariam os heróis da épica antiga a serem narrados na poesia e assim serem perenizados.

Para tornar ainda mais claro o conceito de que embora as classes sociais sejam apresentadas com suas diferenças o foco dado nos romances é nos penitentes e não na vida terrena, voltaremos aos personagens que detêm o poder de enviar suas narrativas, assim evidenciaremos como os romances apresentam os estratos da sociedade, indicando que na vida terrena eles têm importância, mas que a penitência é superior a todos eles: nobreza, burguesia, etc. Ou seja, embora os personagens sejam julgados de acordo com sua classe social na terra, a defesa dos romances é no sentido de que o que vale de fato é o céu e a espiritualidade. Os penitentes podem vir de qualquer classe terrena e eles são os heróis, não por seu status terreno, mas sim através do seu martírio.

Padre Dinis, mesmo em sua infância, é visto com distinção e é reconhecido por uma nobre da seguinte maneira: “*É fora de dúvida que o nascimento deste menino deve ser ilustre.*” Suas características físicas e seu nascimento é o que, na terra, o distinguem e o elevam ao ponto mais alto da sociedade. O mesmo ocorre com Pedro. Uma nobre ao vê-lo, também em sua infância, diz que:

...conheço uma pessoa de bem pelos pés, e vou jurar se quem vai dentro de uma carruagem puxada a quatro é filho de um alfaiate, contanto que leve a mão à vista na portinhola.

Pessoa de bem entendido, aqui, como aristocrata. Pedro é reconhecido como nobre pelas suas características físicas. Temos aqui a demonstração de que as classes sociais são preponderantes para os valores terrenos e que os indivíduos não são vistos e tratados da mesma maneira. O nascimento é imprescindível para definir como as pessoas serão tratadas e as oportunidades a que elas terão acesso no mundo terreno. Similarmente seus traços físicos servirão também de indicativo de seu estrato social. Essa sociedade estratificada e presa ao nascimento está em processo de deterioração no período de publicação dos romances, o que ficará claro ao decorrer da narrativa. O próprio Pedro do enunciado, ou seja, o Pedro que é ainda criança e que está sendo narrado pelo seu eu mais velho, ao ouvir esse comentário chega a acreditar ser diferente e superior pelo seu nascimento. Contudo, quando é já o Pedro da enunciação, aquele que envia suas memórias, conclui que “*este planeta, organizado por Deus e entregue à administração dos homens, não podia cair em piores mãos.*” Fica claro então que os nobres, embora constituam uma classe diferente das demais, não possuem todos os atributos que a configurariam como superior.

Outra representante da nobreza é a mãe de Pedro, Ângela de Lima. Ela se apaixona por Pedro da Silva (pai de Pedro e que lhe deixa seu nome como herança). Esse relacionamento é proibido pelo pai de Ângela, o marquês de Montezelos. O que impede a união é o fato de que ambos, embora fossem nobres, eram também filhos segundos e pela lei do morgadio

nenhum dos dois teria acesso aos bens de suas respectivas famílias. Mesmo com a recusa do marquês, os amantes batalham para ficarem juntos. Pedro (pai) pensa em vir para o continente americano, se envolver com o tráfico negreiro e a extração aurífera, para então voltar para Portugal com dinheiro suficiente para viver com Ângela. O tom melodramático ofusca questões importantes a serem discutidas: No mundo aristocrático tal feito seria impossível, visto que cada pessoa está confinada à sua condição de nascimento. A própria ideia de tentar romper com essa lógica de mundo é uma evidência de seu desmoronamento. Além disso, Pedro, que é um dos heróis da narrativa, não se preocupa em traficar outros seres humanos e vê-los como mercadoria. A desistência de seu plano vem com a ameaça de Ângela: a de se matar caso ele prossiga com seu intento. Ainda que Ângela o entendesse, ele mesmo conclui que seu projeto é uma má ideia: *“E, se ela chegasse a compreender-me, não lhe seria bem aviltante esse ouro que eu ia granjear para, depois, poder arrematá-la em leilão vergonhoso?”* Ângela não pode ser uma mercadoria, seria infame obtê-la como um produto em um leilão. No entanto, levar cativos de um continente ao outro e vendê-los não o preocupa e essa problemática pode passar despercebida em uma leitura descuidada.

Mesmo com esse constituinte falho da personalidade de Pedro (pai), nutrimos por ele um sentimento de compaixão e torcemos para que haja uma solução para o casal. Pedro (pai) é um representante da nobreza que percebe que seu mundo está desmantelando e que outras possibilidades existem. Ele percebe que sendo nobre e filho segundo, encontrava-se em uma posição inferior à de um plebeu:

“O filho segundo do conde de Alvações valia menos que o filho do merceeiro, que entra em casa do fidalgo, dota-lhe uma filha para que lhe dê a outra, e edifica um palácio, onde amanhã mandará insculpir um brasão de armas, se essa loucura lhe apetecer.”

O casal, mesmo sem encontrar nenhuma solução para seus problemas, continua a se encontrar às escondidas na casa de Ângela. Ela ficará grávida de Pedro, que será baleado por Come-facas, lacai do marquês. Pedro (pai) descobre que Ângela fora enviada contra sua vontade para um convento com o fim de esconder sua gestação. Ele então vai ao encontro de Padre Dinis para pedir ajuda, sendo um sacerdote, é possível que Dinis conseguisse auxiliá-la de alguma maneira. Além do confinamento religioso momentâneo, faz parte do plano do marquês o assassinato de seu neto, Come-facas é incumbido de tal missão. Sabemos que Pedro (pai) não irá se recuperar dos ferimentos e morrerá no colégio do padre; contudo, ainda assim seu esforço renderá frutos. Padre Dinis, ciente de que o assassinato da criança está planejado vai ao encontro do lacai, disfarçado sob a identidade de um cigano chamado Sabino Cabra. Ele oferece 40 peças de ouro a Come-facas, que decide vender a criança, e com este capital passará por uma transformação: ele irá se tornar o pirata Leopoldo Saavedra e por fim, será o capitalista Alberto de Magalhães. A mudança de nomes pode soar estranha a princípio; no entanto, é uma técnica comum nos romances que nos propomos a analisar. Neles, o fato de o personagem mudar de nome indica que ele passou por uma mudança significativa. A ascensão de Alberto se dá por meios ilegais ou

no limiar da ilegalidade. Sua mudança de condição só é possível graças à venda de Pedro (filho). Conclui-se então a seguinte assertiva: O mundo oferece mobilidade, não estamos mais presos ao nosso nascimento; contudo, ela não está disponível para todos. Mesmo que o mundo burguês ofereça a promessa de igualdade de oportunidades e direitos, a realidade não se configura dessa maneira. A burguesia acaba por agir da mesma forma que a aristocracia, se sobrepondo aos outros setores da sociedade e mantendo privilégios. O filme trabalha esse ciclo e a manutenção das desigualdades com um dado que não está presente no romance. Na ocasião em que o marquês recusa a mão de Ângela a Pedro, Come-facas ainda é um laçao. Logo que Pedro sai de sua casa, ele vai até outra parte do cômodo que vemos e abre uma porta. Come-facas, que estava escondido até então, recebe a seguinte ordem: *“É melhor sair por esse jardim, nunca se sabe.”* O que indica o fato de que o laçao agia nas sombras e que deveria vigiar Pedro daí em diante, culminando nos tiros que desfere sobre o pretendente de Ângela. Anos depois quando Come-facas já é Alberto de Magalhães diz a um de seus comparsas piratas a mesma frase. Este é um indicativo de que quer sejam aristocratas, quer sejam nobres, quem está no topo ordena que seus subalternos cometam crimes, enquanto mantém a sua imagem de homem honesto. A sociedade se manteve com desigualdades e os mesmos problemas, independentemente da ascensão da burguesia. Este tema é então apresentado para reflexão do público de nosso tempo.

Dando prosseguimento a elementos cruciais do enredo, depois da morte de Pedro (pai) e a venda da criança, Ângela será obrigada a se casar com o conde de Santa Bárbara. Ela mantém os valores aristocráticos e é uma representante boa da antiga nobreza. Mesmo com todas as mudanças ocorrendo ao seu redor, continua seguindo a conduta dos valores nobres. O conde de Santa Bárbara, ao saber da existência da criança, entra em um estado paranoico e busca desvendar a identidade do menino, além disso mantém Ângela confinada em um quarto escuro por 8 anos. Quando Pedro (filho) tem seu ataque febril, Ângela encontra uma maneira de visitá-lo. Ele descobre, então, que ela é sua mãe e quer retribuir a visita. Ao chegar no palácio a sua impressão é a de que *“era um palacete frio sombrio, triste, e quase escondido entre as copas das faias, dos chorões e dos ciprestes.”* E que viu *“segues desmanteladas, arreios, e um não-sei-quê de ruínas, que falavam de uma passada grandeza.”* A descrição do espaço como decadente mostra que a classe nobre está chegando ao seu fim. No filme temos a mesma exploração do espaço: o palacete exibido é velho, gasto, manchado e indica uma imponentia deteriorada.

A única forma de tirar o conde de seu palácio, e assim abrir caminho para que Ângela pudesse fugir, foi a sua participação na Guerra Civil Portuguesa. Interessante aqui pontuar que o conde apoia Dom Miguel, defensor de uma visão de mundo aristocrática antiga e totalitária. Assim como Dom Miguel, o conde também sucumbirá com seus valores ultrapassados. Apenas a título de comparação, Alberto de Magalhães financia um lado do conflito e depois outro, sem nenhuma convicção ideológica, tendo em vista apenas a manutenção de seus lucros. O conde, por outro lado, nunca sequer questiona seu posicionamento, que é o de defesa da visão de mundo de que faz parte. Mesmo com o declínio, dentro de seu palácio, o conde é o senhor absoluto, em seus domínios ele é a lei. Ele é um representante mau da

antiga nobreza.

Neste período de sua ausência, devido ao conflito, Ângela consegue efetivamente escapar. O conde, mesmo voltando ao palacete para ver sua criada e amante, Eugênia, demora para perceber a fuga. Bernardo, um dos criados da casa, tem lealdade a Ângela e a mantém informada do que está acontecendo. Quando o conde descobre que Ângela não está mais ali e que Bernardo a está, de alguma forma, auxiliando, tem um acesso de cólera e diz: “*Vou-te mandar amarrar, brejeiro, e vergalhar como a um preto, até dizeres onde ela está.*” A ameaça não se cumpre porque Bernardo se retira; contudo, ela é um exemplo do poder total do conde dentro de seu palácio.

Bernardo vai ao encontro de Ângela que diz não poder retribuí-lo pelo seu serviço, dizendo-lhe: “*o teu coração é nobre demais para ser pago com dinheiro.*” Os valores nobres deixam de ser vinculados ao nascimento e passam a ser diluídos para os plebeus como um conjunto de ideais a serem alcançados e não mais uma especificidade de um grupo seletivo. Da mesma forma, os nobres deixam de ter estas características como padrão inerente a sua condição e passam a ter expostas as suas perversidades, até serem considerados vis ou sucumbirem totalmente. Encontramos na obra exemplos de ambas as situações.

Como sabemos, o conde morrerá dentro de pouco tempo e pedirá perdão à condessa, mostrando-se arrependido do que fez. A sensação de que devemos julgá-lo e questionar se ele de fato mudou está no texto de forma explícita. Isto é o que o conde comunica a Padre Dinis: “*Eras tu o único em cujo semblante eu via a minha absolvição.*” Para criar esse mesmo efeito, no filme temos um movimento de travelling da câmera, que se coloca no ângulo Plongée, fazendo o conde parecer pequeno e fraco, nos deixando em posição de julgadores de seu arrependimento.

O conde deixa Ângela como herdeira de seus bens e também em posição de requerer ao seu irmão o valor pago por seu dote: 40 contos. Ela se dirige ao seu irmão da seguinte maneira: “*De que me servem esses ignóbeis quarenta contos?... Venderam-me, mas eu não me vendi.*” “*Apenas casei, meu irmão, o sangue que girava nas suas veias, de nobre que era, degenerou para servil.*” O sangue, componente biológico e imutável, que representa condição permanente, passa a ser passível de mudança e um nobre, como o irmão de Ângela, passa a ser considerado um servo pela sua conduta. A maneira de se portar diante do mundo é, dessa forma, mais relevante que o nascimento. Nesse momento de transição de poder da nobreza para a burguesia, Ângela, seu irmão, dentre outros personagens aristocratas da narrativa passarão por dificuldades financeiras. Tal situação seria impossível outrora, já que os bens dos nobres estariam assegurados em séculos anteriores.

A diferença de foco entre as obras pode ser evidenciada também quando no romance, o pai de Ângela, o marquês de Montezelos, tem sua morte mencionada sem muito detalhamento. A morte de Alberto, por sua vez, tem uma grande cobertura e é o desfecho de um burguês que sofre o destino divino, mostrando que a providência é inexorável e inescapável para todos. No filme ambos permanecem vivos, o marquês é mostrado perambulando num cemitério, já enlouquecido e cego. Alberto continua com a sua fortuna e prestígio até o fim da película. Ao mostrar ambos os personagens vivos, um em situação deplorável e outro numa situação de

notoriedade, o filme acaba por não dar atenção especial aos penitentes e à busca pelo céu, o que nos parece ser o principal argumento dos romances.

4 | CONCLUSÃO

Os vários procedimentos estéticos presentes nas obras trabalham os diferentes estratos em luta, o combate ao “*demônio das conveniências sociais*” e a religiosidade. Diante da variedade de temas e interpretações, esperamos, através deste capítulo, ter trazido algum esclarecimento sobre a produção camiliana e a sua releitura moderna, suscitando também novos questionamentos a serem debatidos.

REFERÊNCIAS

CASTELO BRANCO, Camilo. **Mistérios de Lisboa – Prefácio de Raúl Ruiz**. Lisboa: Relógio D’Água, 2010.

CASTELO BRANCO, Camilo. **O livro negro de Padre Diniz**. Porto: Paulo Podestá Editor – 4ª edição, 1880.

MISTÉRIOS DE LISBOA. Direção de Raúl Ruiz e produção de Paulo Branco. Lisboa: 2010 Alfama Films – Livraria Cultura

REIS, Carlos & PIRES, Maria da Natividade. **História Crítica da Literatura Portuguesa – Volume V – O Romantismo**. Lisboa: Editorial VERBO, 1993.

VASCONCELOS, S. G. T. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo Editorial – 1 edição 2002

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 24, 63, 64, 74, 76, 77, 91, 92, 100

Artes 15, 20, 38, 51, 63, 78, 90, 91, 102, 109, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 210, 211, 213, 215, 216, 227, 229, 234, 240, 241, 243, 257, 258, 259, 261, 264, 266, 269, 270, 271

Atos de Fala 20, 21, 22, 26, 37, 233

C

Camilo Castelo Branco 198

Concordância Verbal 15, 16, 17, 18, 19

Conto 102, 103, 108, 154, 155, 156, 158, 161, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

D

Discurso Jornalístico 78, 79, 80, 81, 89

Discurso Jurídico 91, 97

Dramaturgia 202, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215

E

Ensino 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 37, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 68, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 148, 154, 208, 236, 244, 251, 252, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269

F

Função Social 144, 148, 150

G

Gênero Textual 102, 104, 108, 109

I

Interacionista 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60

Interpretação 57, 70, 71, 76, 79, 116, 123, 127, 130, 137, 138, 140, 141, 143, 151, 153, 155, 164, 166, 168, 178, 180, 232, 243, 246, 256, 257

L

Letras 15, 19, 20, 31, 38, 42, 51, 58, 61, 63, 76, 78, 91, 92, 102, 103, 111, 112, 113, 125, 136, 137, 139, 144, 146, 154, 164, 165, 176, 179, 186, 187, 197, 198, 208, 216, 217, 227, 230, 242, 243, 258, 265, 266, 269, 270, 271

Língua Estrangeira 8, 10, 11, 20, 21, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 138, 139, 142, 143, 258, 259, 260, 264, 266

Língua Materna 9, 20, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 117, 126, 128, 130, 135

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 24, 26, 36, 38, 41, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 73, 74, 76, 78, 90, 91, 92, 102, 113, 114, 125, 128, 131, 133, 137, 144, 154, 164, 166, 174, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 232, 237, 243, 258, 269, 270, 271

Lírica 164, 166, 167, 168, 169, 171, 174

Livro Didático 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 142, 153

Livro Infantil 145, 151, 189

Loucura 99, 100, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 204

Luto 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185

M

Morte 93, 157, 158, 162, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 195, 196, 197, 205, 206, 209, 213

Multidisciplinar 15, 20, 38, 51, 63, 78, 91, 98, 102, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 243, 246, 253, 257, 258, 269, 270, 271

Música 28, 118, 119, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

N

Narrativa Mítica 208, 210, 212, 214

O

Operadores Argumentativos 78, 83, 89

P

Palavras 1, 15, 20, 26, 38, 39, 41, 42, 49, 51, 56, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 91, 102, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 132, 137, 140, 141, 142, 144, 146, 149, 154, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 187, 198, 202, 208, 216, 227, 231, 232, 233, 241, 243, 258, 265

Pintura 169, 217, 218, 221, 222, 224

Poesia 149, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 202, 203, 234

Polifonia 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90

Prática de Leitura 104, 108, 110, 111, 140

S

Semântica 13, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 31, 36, 37, 40, 41, 54, 77, 79, 110, 116, 127, 173

V

Viola 227, 228, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 